



león ferrari

por um mundo sem Inferno

galeria

nara roesler

A **Galeria Nara Roesler | São Paulo** tem o prazer de apresentar *León Ferrari, por um mundo sem Inferno*, individual do artista consagrado com o Leão de Ouro na Bienal de Veneza (2007) e representado pela Galeria Nara Roesler no Brasil e no exterior.

Com curadoria de Lisette Lagnado, a mostra panorâmica cobre quase meio século do processo criativo do artista multimídia é a primeira mostra individual de grande alcance dentro de uma galeria, após a sua morte ocorrida em 2013.

“Por ser dono de vasta erudição sobre os evangelhos canônicos, León Ferrari dedicou boa parte de seu tempo para defender sua tese principal, segundo a qual o patrimônio artístico da cultura ocidental está assentado sobre promessas de castigos e torturas, tendo o Inferno e o Apocalipse como imperativos categóricos de uma humanidade ímpia”, afirma a curadora. Segundo ela, no universo contemporâneo das práticas artísticas, raros são os encontros com uma massa tão expressiva de escritos engajados.

Lagnado destaca, ainda, que a figura pública do artista argentino tornou-se parte indissociável de sua extensa e multifacetada produção, a qual classifica como obsessiva, controversa e bem-humorada.

“Propõe-se aqui recuperar essa extensa iconografia, sem fazer tábula-rasa de sua aura artística nem religiosa, e sim jogar um olhar científico que possa extrair um sentido primitivo nas figuras retratadas. Não se trata de estabelecer um enfrentamento com a dimensão espiritual da religião, mas depreender o que “está sendo dado a ver”, a estrutura e morfologia de cada cena”, completa a curadora.

Além da individual na Galeria Nara Roesler | São Paulo, o artista é tema de conferência no MAM-SP, com a mediação de Lisette Lagnado e participação de nomes, Pablo León de la Barra, do Guggenheim NY, Anna Ferrari, da Fundação Augusto e León Ferrari Arte e Acervo – FALFAA, Victoria Northorn, Diretora do Museu de Arte Moderno de Buenos Aires e da artista Regina Silveira.



Jeová: Não cubiçarás a mulher de teu proximo. (Deuteronômio 5,21)

Moisés com a Tábua da Lei, Bíblia Doré, 1865 + Gravura de Katsushika Hokusai (1760-1849).

33

Série Releituras da Bíblia (1983):

"1983: Escrituras sobre tela, escultura urbana, releituras da Bíblia – Nesse mesmo ano [1983], Ferrari retoma o tema religioso fazendo centenas de colagens nos quais vincula a iconografia católica com a erótica oriental e com imagens contemporâneas. Com estas colagens, começa o que ele apresenta como uma pesquisa sobre a conduta dos deuses bíblicos e as consequências da violência presente nas páginas das Escrituras Sagradas, na história do Ocidente."

Texto: Andrea Giunta. "Cronologia". In: León Ferrari: retrospectiva. Obras 1954-2006. São Paulo: Cosac Naify/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p. 183.

Leon Ferrari
Del libro Biblia, 1989
colagem sobre papel
31 x 21,5 x 00 cm

Desenhos e colagens em letraset - séries Códigos, Xadrez, Banheiros e Plantas:

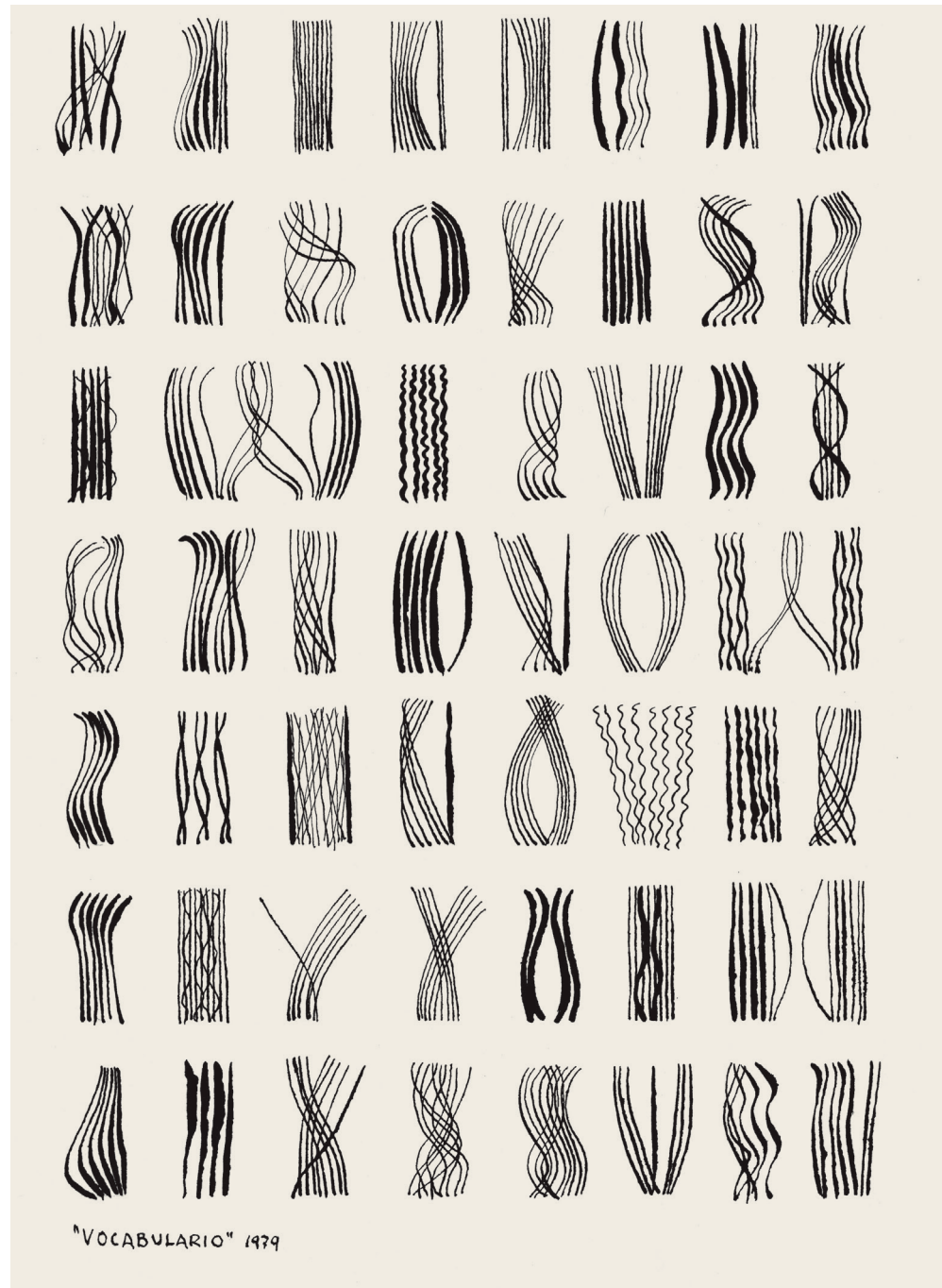
“Aproximadamente em 1978, começa a utilizar o pêndulo invertido em uma série de esculturas formadas por agrupamentos de varas verticais de aço (de 100 a 1000) unidas em sua extremidade inferior a uma base comum. Ao agitá-las ao vento, ou com a mão, emitiam um murmúrio. Do movimento dessas varas surgem os desenhos da série Códigos em 1979. [...]

Em 1979, realiza várias séries de desenhos e colagens (aos quais denominou *Códigos*, *Xadrez*, *Banheiros* e *Plantas*), nos quais introduz imagens de letraset. Publicou estas séries nos livros *Homens* (1984) e *Imagens* (1989). Particularmente *Códigos* propõe a criação de um alfabeto ou de um novo vocabulário com o qual reformula em imagens, por exemplo, o *Kamasutra*. Nesse momento também escreve textos poéticos (pp. 333-36) nos quais a descrição da linguagem visual convoca imagens de extraordinária sensualidade.”

Texto: Andrea Giunta. “Cronologia”. In: León Ferrari: retrospectiva. Obras 1954-2006. São Paulo: Cosac Naify/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p. 166.



Diccionario, 1979
cópia original de xerox sobre colagem
32 x 21,6 cm



Vocabulario, 1998

copia xerox

29,9 x 21 cm

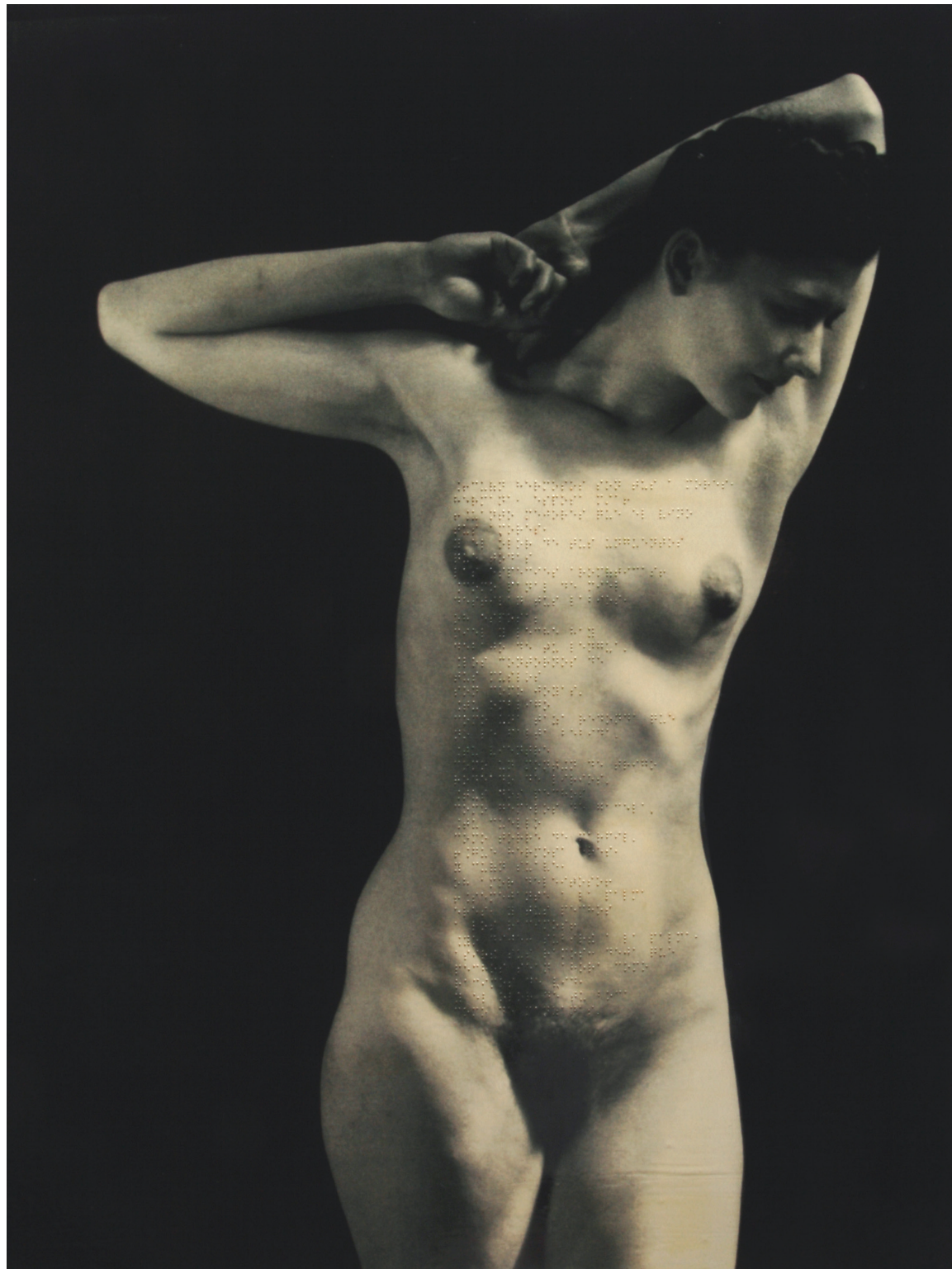
Série Juízo Final (a partir de 1985):

“No Panorama de formas tridimensionais organizado pelo MAM de São Paulo, apresentou, pela primeira vez, uma obra com animais e excrementos: uma gaiola com pombas defecando sobre o Juízo Final de Michelangelo da Capela Sistina, imagem que, durante o tempo em que a obra esteve montada, foi substituindo pelos juízos finais pintados por outros artistas – Giotto, Tintoretto, Rubens, entre outros. Essas obras fazem parte de uma série contra o Inferno que continua desenvolvendo em exposições recentes (...).”

Texto: Andrea Giunta. “Cronologia”. In: León Ferrari: retrospectiva. Obras 1954-2006. São Paulo: Cosac Naify/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p. 188.

Leon Ferrari
Juicio Final, 1994
excremento de pombo sobre lâmina do
último julgamento de Michelangelo
51 x 35,5 x 2,5 cm





Brailes

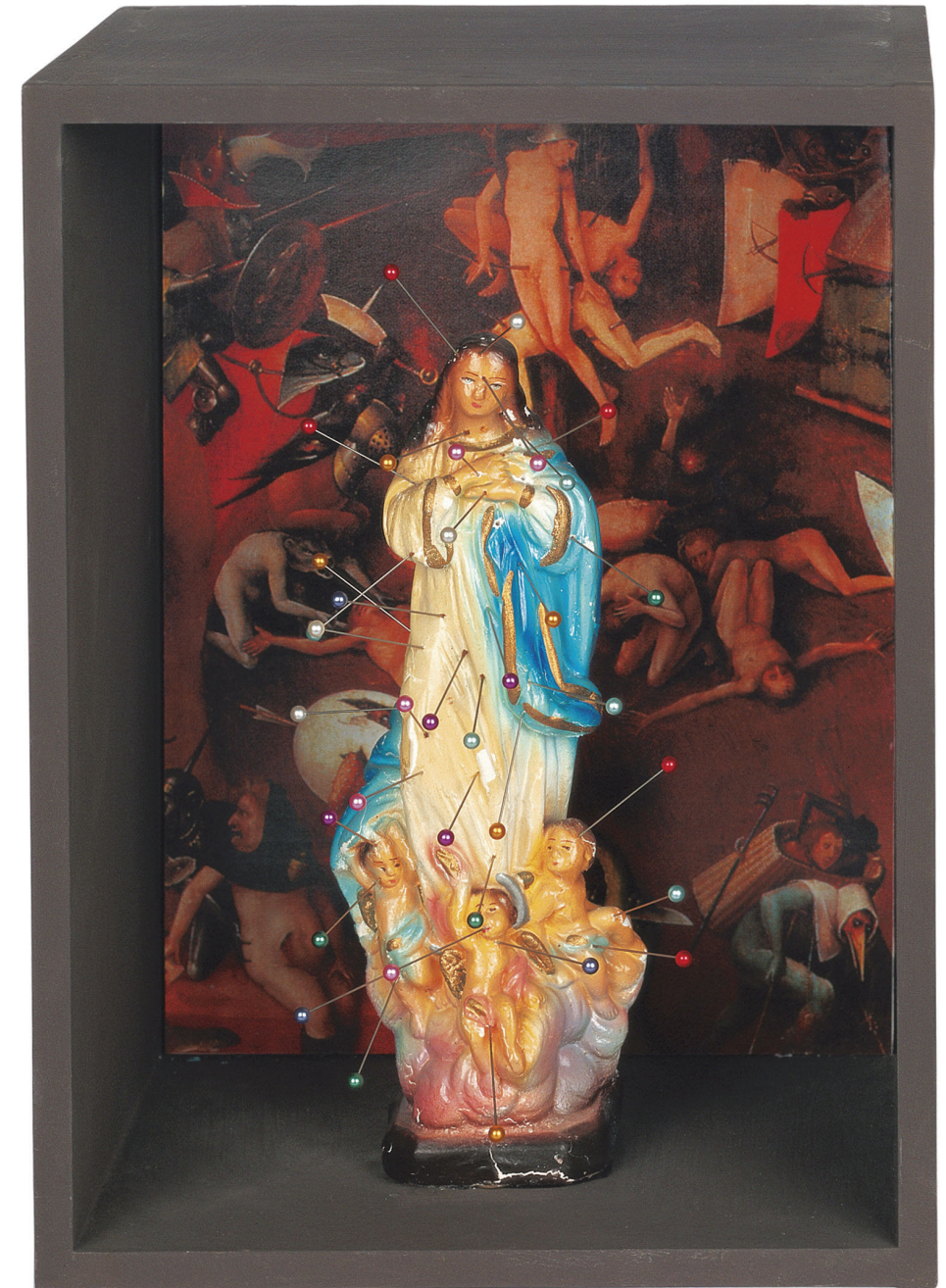
Entre março e abril de 1997 León Ferrari apresenta a exposição *Tormentos-amores* na galeria Arcimboldo, em Buenos Aires, Argentina. A proposta da exposição consistia em uma série de reproduções de fotografias de Man Ray, estampas de Utamaro, gravuras de Doré, pinturas de Giotto e de Fra Angelico sobre as quais Ferrari escreveu textos em braille provenientes da Bíblia ou de Jorge Luis Borges. Através do cartaz onde lia-se 'Não é proibido tocar as obras', León Ferrari convidava o público a ter um contato direto e participativo com as mesmas.

Tarde que socavó nuestro adiós, 2003
braille com poema de Borges sobre fotografia do Man Ray
78 x 45,7 x 00 cm

Ideias para Infernos

“2000: Infernos e idolatrias – Em maio apresenta Infernos e idolatrias no ICI, Centro Cultural da Espanha em Buenos Aires. A exposição reunia Juízos Finais de artistas célebres (Bosch, Giotto, Michelangelo, Van Eyck, Bruegel, Doré) e um conjunto de caixas, objetos e esculturas nos quais eram representados outros Infernos, parecidos com aqueles, mas nos quais as vítimas dos suplícios eram santos, virgens e sagrados corações de gesso. A mostra se completava com uma série de gaiolas e de árvores povoadas com pássaros artificiais que simulavam defecar sobre imagens religiosas ou sobre um retrato de Dante pintado por Boticelli, com aproximadamente dez tabuleiros de xadrez nos quais ocorriam batalhas virtuais entre cristos, virgens, diabos e pênis de cera. Tabuleiros de xadrez, gaiolas, frigideiras, torradeiras, liquidificadores e centenas de aves coloridas, utilizadas para submeter as imagens religiosas aos mesmos tormentos que a Bíblia promete depois do Juízo Final. Em vez de excrementos reais que Ferrari utilizava em suas colagens, agora recorria ao defecar simbólico das aves artificiais. *Reproduzo o Inferno, mas, em vez de fazê-lo com as pessoas comuns, faço-o com os próprios santos que abonaram a idéia de Inferno* (LF, in Constantin, 2000).”

Texto: Andrea Giunta. “Cronologia”. In: León Ferrari: retrospectiva. Obras 1954-2006. São Paulo: Cosac Naify/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, pp. 240-1.



Tortura, 2000
caixa - técnica mista
29,5 x 21,5 cm



Inferno, 2004
colagem com objetos
83 x 47 cm

De la Serie Infiernos, 2006
caixa de colagens
58,9 x 43,9 x 21,3 cm



Séries Espirais, Brilhos e Amarrados com arame (2004-06)

“Em 2005 e 2006, León Ferrari desenvolveu três séries novas: *Espirais*, *Brilhos* e *Amarrados* com arame. Na primeira, os arames enrolados se organizam em forma de esculturas aéreas, grandes bolas de arames enrolados, que também põe no interior de cilindros de acrílico ou de caixas. Na série *Brilhos* utiliza pintura em relevo de diversas cores, com brilhantina, com a qual desenha sobre papel ou sobre sucessivas placas de vidro ou acrílico ordenadas em caixas. Desenha com um traço espiralado, de um e outro lado do vidro, cobrindo também o fundo da caixa: o resultado é uma vibração porosa e aveludada de brilhos suspensos nas distintas camadas do espaço da caixa.

A série *Amarrados* com arame, que começa em 2004, se expande em múltiplas possibilidades: nós de arame cobertos de espuma de poliuretano pintada de várias cores, em que costuma acrescentar aves, papagaios, flores, ratos, bombardeiros, tanques de guerra. Essa série se vincula tanto a propostas poéticas, como o belo conjunto de galhos de distintas árvores (varetas de madeira, salgueiros-chorões), perfuradas e amarradas em seus extremos; quanto a políticas, como a iniludível e conotada série de ossos presos feito um ramalhete, pendurados no teto ou que põe no interior de estruturas de metal ou de cilindros de acrílico.”

Texto: Andrea Giunta. “Cronologia”. In: León Ferrari: retrospectiva. Obras 1954-2006. São Paulo: Cosac Naify/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p. 287.

Palitos, 2006

varetas de madeira e arame
165 x 85 x 95 cm





Sem Título, 2008
arame
58 x 35 x 35 cm



Sem Título, 2008

arame

38 x 63 x 50 cm



El infierno según San Alfonso, 2006
caixa de madeira com vidro pintado com glitter
144 x 84 x 10 cm

sobre **León Ferrari**

León Ferrari (1920, Buenos Aires, Argentina – 2013, Buenos Aires, Argentina) é um dos artistas latino-americanos mais consagrados mundialmente, aclamado na Bienal de Veneza de 2007, pela qual recebeu o prêmio Golden Lion em reconhecimento por sua obra que, até o fim da vida, o motivou a contestar o mundo em que vivemos. Em sua prática artística, faz uso de distintas linguagens como a escultura, o desenho, a escrita, a colagem, a assemblage, a instalação e o vídeo. Este conjunto heterogêneo de práticas integra temas que revelam seu caráter de pesquisador e ativista como a investigação estética da linguagem, o questionamento do mundo Ocidental, o poder e a normatização que dita os valores da religião, da Arte, da Justiça e do Estado, a reverência à mulher e ao erotismo e a representação da violência. A repetição, da ironia e da literalidade também são recursos de sua poética, reconhecidos desde suas obras iniciais.

Na década de 1960, os desenhos e as esculturas de Ferrari são permeados, em especial, pelo questionamento ético da religião e a denúncia contra o Imperialismo. Em 1976, um golpe militar forçou o artista e sua família a deixar Buenos Aires, mudando-se para São Paulo, onde permaneceram até a década de 1990. Durante sua permanência no Brasil, Ferrari integrou-se ao circuito da vanguarda experimental local, envolvendo-se com o processo de revitalização da linguagem através da produção de heliografias, fotocópias, instrumentos musicais, concertos e arte postal. Ao retornar à Argentina, o artista continuou a produzir obras de arte politicamente engajadas, questionando os desaparecimentos que aconteceram durante a Ditadura Militar.

Seus trabalhos foram exibidos em grandes exposições internacionais, como: *The Words of Others: León Ferrari and Rhetoric in Times of War*, Pérez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA, 2018, e *Roy and Edna Disney/CalArts Theater (REDCAT)*, Los Angeles, EUA, 2017-18; *La donación Ferrari*, Museo de Arte Moderno de Buenos Aires (MAMBA), Buenos Aires, Argentina, 2014; *León Ferrari - Brailles y relecturas de la Biblia*, Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina, 2012; *Tangled Alphabets: León Ferrari and Mira Schendel*, Museum of Modern Art (MoMA), New York, USA, 2009; 2006; *Retrospectiva León Ferrari*, Pinacoteca do Estado do São Paulo, Brazil, 2006; *Retrospectiva León Ferrari, obras 1954-2004*, Centro Cultural Recoleta (CCR), Buenos Aires, Argentina, 2004; e *Politiscripts*, The Drawing Center (TDC), New York, 2004. Participou de *Think with the Senses, Feel with the Mind: Art in the Present Tense* na Bienal de Veneza (Pavilhão da Itália e Arsenal), em 2007, e recebeu o prêmio Golden Lion. Suas obras estão presentes em importantes coleções institucionais, como: Pérez Art Museum, Miami, USA (PAMM); Art Institute of Chicago (AIC), USA; Centro Wifredo Lam, Havana, Cuba; Daros Latinamerica Collection, Zürich, Switzerland; Fondo Nacional de las Artes, Argentina; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Argentina; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM- RJ), Brazil; Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), Brazil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brazil; The Museum of Fine Arts (MFAH), Houston, USA; The Museum of Modern Art (MoMA), New York, USA; Tate Modern, London, ENG; entre outros.

A insubordinação do gesto artístico

Lisette Lagnado

O nome de León Ferrari, consagrado em Veneza (2007) pelo conjunto da obra, está inscrito na vanguarda artística do experimentalismo e conceitualismo latino-americano. Artista multimídia, foi escultor, desenhista, pintor... e herege.

Nenhuma apresentação criteriosa consegue prescindir da relação conflituosa que manteve com diversas autoridades da Igreja católica ao longo de sua profícua trajetória. Fazendo jus às expectativas que acompanham os movimentos de ruptura, a figura pública desse artista tornou-se parte indissociável de uma produção tão extensa quanto multifacetada, obsessiva, controversa e bem-humorada.

A presente exposição cumpre uma ambição panorâmica, reunindo diversas experimentações artísticas de León Ferrari. Constitui sua primeira mostra individual de grande envergadura dentro de uma galeria de arte, após a morte ocorrida em 2013. A seleção abrange o período entre 1962 e 2009, incluindo os anos vividos em São Paulo (1976-1992), cobrindo quase meio século de um processo criativo e investigativo em torno da representação do poder na sociedade.

No entanto, percebe-se logo que a chave do “ativismo” seria redutora para explicar a monumentalidade de uma obra que compreende uma coleção extraordinária de reproduções recolhidas da história da arte. Essa fatura acabou revelando um aspecto pouco comentado até hoje, a saber uma característica antes iconófila do que iconoclasta, como aparece à primeira vista.

Propõe-se aqui recuperar essa extensa iconografia, sem fazer tábula-rasa de sua aura artística nem religiosa, e sim jogar um olhar científico que possa extrair um sentido primitivo nas figuras retratadas. Não se trata de estabelecer um enfrentamento com a dimensão espiritual da religião, mas depreender o que “está sendo dado a ver”, a estrutura e morfologia de cada cena.

O artista reencontra a transgressão de Bataille quando aponta como a experiência estética do sublime reifica concepções de culpa e castigo. Contemplar obras de Giotto, Botticelli, Michelangelo ou Doré significa admirar a crueldade de cenas de guerras, torturas e martírios, quase todas elas decorrentes de práticas sexuais tidas como ilícitas na religião católica.

Sob essa perspectiva, a produção de León Ferrari se afirma como um atlas de imagens (abstratas e figurativas) que ainda aguardam uma interpretação. As colagens da série *Relecturas de la Bíblia* (iniciada em 1983), indubitavelmente polifônicas, orquestram uma riqueza de fontes que transitam da filosofia à literatura, justapondo trechos das Escrituras Sagradas sobre estampas do erotismo asiático. Ferrari ainda recorre ao sistema do alfabeto em braile, acrescentando uma fina ironia: aproximar o cego, infringindo regras para que a palavra de Deus seja uma experiência tátil, um contato com a pele.

Com a finalidade de fazer eco às escrituras bíblicas, o artista compreendeu a necessidade estratégica de alimentar todos os canais existentes de comunicação de sua época (antes de existir a internet). A propaganda jornalística foi peça-chave para alcançar plateias que jamais

visitariam exposições de arte, conseguindo assim interpelar o cidadão comum.

Quem conheceu Ferrari sabe o quanto se divertia com o mal-estar que pudessem causar suas inúmeras colagens feitas a partir de cópias de obras emblemáticas da arte. Porém, mais adiante de um gesto duchampiano (e infantil) de apropriação, o que importa é o debate de ideias.

“Um artista visual que escreve”, definiu muito bem Nestor García Canclini, referindo-se a dois tipos de escritura encontrados: a sagrada e as profanas, englobando, dentro dessas últimas, as escritas políticas, poéticas e eróticas”. Até os desenhos de caligrafias ilegíveis, evocando variantes do alfabeto árabe, o próprio artista irá insistir que são signos alusivos a imagens.

León Ferrari desenhou cartas ininteligíveis, elaborando um diálogo fantasioso com os generais que encabeçam regimes totalitários. Essa produção coloca em primeiro plano uma espécie de caligrafia abstrata (quase automática, psicótica) que reverbera por todos os meios que irá experimentar, seja a escultura, a colagem, ou a pintura.¹

Dono de vasta erudição sobre os evangelhos canônicos, dedicou boa parte de seu tempo a reunir argumentos para defender sua tese principal: o patrimônio artístico da cultura ocidental está assentado sobre promessas de castigos e torturas, tendo o Inferno e o Apocalipse como imperativos categóricos de uma humanidade ímpia. No universo contemporâneo das práticas artísticas, raros são os encontros com uma massa tão expressiva de escritos engajados.

Em suma, uma obra que preenche amplamente as definições da vanguarda – originalidade e polêmica.

A morte ainda recente de seu autor, ocorrida aos 93 anos em Buenos Aires, vem despertando contudo uma série de desafios aos pesquisadores e instituições. Em paralelo à importante tarefa de catalogação do acervo, por iniciativa da família que criou uma fundação no local onde o artista mantinha seu ateliê², resta talvez a missão mais difícil: honrar uma memória de luta e insubordinação, espinha dorsal da ética. Se o personagem principal saiu de cena, as questões que ele colocou subsistem para as próximas gerações, exigindo um grau de compromisso que ultrapassa o conhecimento da natureza da arte.

1. O tema dos desenhos escritos de León Ferrari mereceu uma exposição organizada em 2009 pelo Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), com curadoria de Luiz Pérez-Oramas, “León Ferrari y Mira Schendel: the entangled alphabet”, que itinerou o ano seguinte para o Museo Nacional Centre de Arte Reina Sofía (Madri) e a Fundação Iberê Camargo (Porto Alegre).

2. Cf. <http://fundacionaugustoleonferrari.org/about/>

